

**Redes de Comunicação, Cultura e Cidade:  
o povo e o popular em Uberlândia no início do século XXI.**

LETÍCIA SIABRA DA SILVA\*

Esta comunicação apresenta discussões parciais a respeito da pesquisa na qual proponho investigar como a cidade de Uberlândia é articulada e disputada pelos moradores pobres na periferia através dos meios de comunicação durante os anos finais do século XX e início do século XXI. Entendendo a produção de memória(s) enquanto campo de conflitos sugere a indagação sobre como a população pobre na cidade vivencia a experiência da desigualdade social através do espaço midiático, percebido a partir da imprensa local?

Por meio de interpretações relativas à imagem em movimento indago de quais maneiras esta se mostra enquanto uma linguagem que tenciona as construções de memórias no fazer social: questionar o que se está chamando de popular através destes meios e como as articulações entre linguagens distintas oferecem possibilidades para perceber os movimentos reivindicatórios na cidade é indispensável na problemática da pesquisa.

Visualizar este movimento propicia investigar o campo da imprensa em Uberlândia destacando o *Jornal Correio*: um jornal de grande circulação na cidade que no decorrer do ano de 2009 publicou diversas matérias a respeito do que seria a história da criação dos bairros na periferia da cidade. Isso possibilita questionar o que está chamando de memória e como esta se articula nos dizeres da imprensa ao sugerir uma concepção de popular, sendo imprescindível argüir os sentidos de popular para esta imprensa que se posiciona exterior a este mesmo popular o qual anuncia.

Pesquisando o *Jornal Correio*, percebi a omissão por parte do grupo dominante no jornal dos outros veículos de comunicação, podemos dizer que existe uma intenção

---

\* Universidade Federal de Uberlândia (UFU-MG). Mestranda em História Social, na linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais. PPGHIS/INHIS/UFU.

quanto ao posicionamento do grupo editorial do jornal em se colocar na condição de veículo (no singular) de comunicação da cidade.

Ao longo dos anos de 2008 e 2009, o grupo editorial do jornal dedicou atenção especial para a questão da configuração do espaço urbano em Uberlândia, a partir do ordenamento e integração dos bairros nos setores da cidade. Estas matérias compõem o caderno *Cidade*, tal caderno se dedica as reportagens referentes à cidade de Uberlândia.

Ao investigar o jornal enquanto fonte torna-se necessário atentar para o ordenamento gráfico do jornal como um todo, nesse sentido, as matérias específicas da constituição dos bairros não se colocam de forma isolada, compõe uma lógica da produção do jornal, e para, além disso, participa das disputas dos grupos nos quais vinculam e/ ou são vinculados.

Vale ressaltar que as matérias relativas aos bairros considerados pelo jornal como sendo periféricos disputam espaços com as notícias organizadas nas chamadas intituladas “Violência”, esse conjunto de reportagens que buscavam “relembrar a memória da cidade” apresentavam entrevistas de distintos moradores.

Na chamada intitulada problemas, o subtítulo “falta de lazer leva os jovens a formar gangues”, o jornal apresenta enquanto problemas para o bairro São Jorge (situado na periferia da cidade), a falta de espaço de lazer para que os jovens tenham uma ocupação. De acordo com a matéria, a questão da violência no bairro está estritamente ligada com essa premissa. O jornal busca nas falas dos moradores a justificativa para o argumento, nesse sentido, a fala do presidente da Associação de Moradores do referido bairro assume um papel central, enquanto autoridade que legitima a fala do jornal: “Para o presidente da Associação... os dois principais problemas enfrentados pela região estão relacionados entre si. Segundo ele, a falta de opções de lazer para os jovens acaba sendo um estímulo à violência.”<sup>1</sup>

Investigando a disposição das matérias nas páginas do jornal *Correio* demonstrou uma questão intrigante que se fez na medida em que o jornal buscava ressaltar as melhorias em relação à segurança nos bairros da cidade de Uberlândia, a

---

<sup>1</sup> PROBLEMAS- Falta de lazer leva os jovens a formar gangues *Jornal Correio de Uberlândia*. 01/02/ 2009. Caderno: Cidade, p. B3.

partir dos projetos da polícia militar para as futuras gerações, entretanto, se não isolarmos a matéria diante do corpo da página, percebe-se a construção de um estereotipo acerca da violência na cidade, a partir de determinados bairros estigmatizados enquanto periferia, nesta associação pobreza/ periferia/ violência.

Nesse sentido é possível investigar de quais maneiras essa memória da pobreza é alimentada no cotidiano das classes populares. Para isso, o espaço midiático se revela extremamente importante, pois também participa desta construção.

Em contrapartida ao jornal, podemos situar outro meio de comunicação que se coloca como estritamente popular. O *Programa Linha Dura*, transmitido de segunda à sexta-feira às 12h35 pela Rede Vitoriosa<sup>2</sup>, afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão-SBT, é caracterizado como jornalístico que tem por objetivo a prestação de serviços à população. A Rede Vitoriosa apresenta o *Programa Linha Dura* como sendo:

*Jornalismo verdadeiramente comunitário. Mais um forte diferencial da TV Vitoriosa. Linha Dura, um programa de utilidade pública, com perfil focado na prestação de serviços, com linguagem simples e informal. Por causa da precariedade das condições de vida, em comunidades mais pobres, os temas mais comuns apresentados no programa são os problemas sociais e de infraestrutura, como lixo, saneamento, água, luz, telefonia, trânsito, obras, entre outros. O Linha Dura fala a linguagem do povo. É solidário. Faz campanhas sociais, acompanha cidadãos em juízo, hospitais e prefeituras. Cobra e exige respostas... A total interatividade com o público, dá ao Linha Dura, o confortável primeiro lugar em audiência, todo início de tarde.<sup>3</sup>*

Temos aí uma caracterização do público do programa segundo o IBOPE, mas principalmente se relacionarmos a distinção que a emissora faz dos grupos na cidade, almejados pela programação, percebemos uma rotulação do que a classe trabalhadora significa na cidade de Uberlândia, e onde esse meio de comunicação pretende atuar, ou seja, intervir nas “comunidades mais pobres”, suas necessidades são os “problemas mais comuns; “problemas sociais e de infra estrutura”.

---

<sup>2</sup> Segundo o relatório de pesquisa Cpqd, a Rede Vitoriosa pertence à Wellington Salgado de Oliveira aparece ainda como Diretor e Sócio (Juntamente com Wallace Salgado de Oliveira) da Rede Vitoriosa de Comunicações donos da TV Vitoriosa em Ituiutaba-MG, 148 retransmissora do SBT (SBT, 2006) além da TV Goiânia no Estado de Goiás. Para maiores informações, ver: FUNDAÇÃO PADRE URBANO THIESEN. *Cartografia Audiovisual Brasileira de 2005; um estudo qualitativo de TV e cinema*. Cosette Castro (coordenadora)/ Relatório de Pesquisa CPQD, 2006, p. 238.

<sup>3</sup> REDE VITORIOSA. Disponível em: <http://www.redevitoriosa.com.br/index.html>. Acesso em: dez/2009. [grifos meus]

Nesse aspecto, a relação que o programa estabelece com alguns movimentos sociais se faz relevante, pois, percebe-se no programa televisionado a participação e intervenção de moradores dos bairros uma vez que esses grupos utilizam do meio para atuarem na cidade. Também temos aí a justificativa da apropriação dos espaços urbanos em Uberlândia, a infra estrutura é discutida como problema social, a partir desta intencionalidade perceber os embates que são travados na cidade.

O grupo da Rede Vitoriosa, neste aspecto da caracterização do programa é bem evidente quando expõe a aproximação com o POVO, através da linguagem que o programa articula.

Na questão da interatividade, a relação é colocada como público e programa, com base nos índices de audiência. Entretanto, precisamos atentar para esta noção, pois, público e televisão supõem passividade ao passo que o discurso legitima a ação do Programa e não dos grupos sociais que interagem. Pressupõe uma ideia de dádiva. Na Página inicial do *site* da Rede Vitoriosa percebemos a maneira como a emissora se refere à população expressando esta ideia:

*A TV Vitoriosa foi fundada em 30 de Setembro de 1999; que até então se chamava TV Cancellata quando foi adquirida por um grupo de investidores nos setores de Educação e Telecomunicações. A TV Vitoriosa conta com profissionais que fazem parte da comunicação local, para prestar à comunidade um serviço sério, de qualidade, visando estar sempre ao lado da credibilidade, que faz da Vitoriosa um ícone na produção de programas locais, que não só divertem como informam diariamente à nossa população com nossa própria linguagem, expressando a óptica e sentimento de nosso povo.<sup>4</sup>*

Evidenciamos assim a configuração de uma linguagem que se diz popular, definida a partir da classe social na qual os telespectadores ocupam. Percebe-se na configuração do *Programa Linha Dura* uma forte ligação com os programas radiofônicos na medida em que partem de uma cultura do ouvir, característica do rádio, em relação à participação popular.

---

<sup>4</sup> REDE VITORIOSA. Disponível em: <http://www.redevitoriosa.com.br/index.html> . Acesso em: dez/2009.

Podemos falar que existe uma interação no rádio entre os ouvintes, os grupos que utilizam deste meio para se comunicarem, e através desta mediação atuar de várias maneiras.

De acordo com Menezes: “Na cultura do ouvir, que experimentamos também sob a forma radiofônica, os cenários não estão prontos, as imagens não estão definidas. Os sons provocam a criação de cenários mentais, geram imagens endógenas.”(MENEZES, 2007: 98)

O autor acredita que os trânsitos sonoros movimentam as múltiplas vozes, inclusive as dos excluídos. Daí o caráter de prestação de serviço no rádio, a interação mediada através de um dispositivo auditivo.

A questão da prestação de serviço também merece destaque, pois, o rádio propicia que as pessoas falem e sejam ouvidas. Quer seja pedindo materiais de construção ou objetos que necessitam. Percebemos no *Linha Dura* essa relação estabelecida, mas com algumas diferenças essenciais:

A primeira delas diz respeito a imagem no programa televisivo, a esta destaco um espaço fundamental para investigar os deslocamentos que são articulados do rádio para a televisão, já não é mais um aparato auditivo que medeia as relações estabelecidas, mas também visual.

Segundo Menezes, uma diferença essencial entre o rádio e a televisão se faz pela imagem: enquanto no rádio os sons geram imagens endógenas, na televisão, as imagens estão prontas, e a repetição constante pode bloquear a imaginação: “São imagens praticamente “prontas” muitas vezes insistentemente repetitivas, que podem ou não gerar em nossas mentes um criativo conjunto de imagens endógenas.” (MENEZES, 2007: 98). Isso permite indagar como podemos relacionar a comunicação através da imagem?

Eugênio Bucci argumenta que a televisão “encerra um outro tempo” (BUCCI, E.; KHEL, M. R. , 2004:31). O autor discute que a partir da transposição dos espaços, e a alteração das dimensões temporais na mídia, significam mudanças culturais, que vão além dos programas situados pela crítica, mas que são as verdadeiras raízes das

dimensões sócio-históricas que precisam ser analisadas e investigadas, pois, a mídia através da ocultação de seu processo de formação se transforma. A relação de poder na mídia vai além do que estamos habituados a entender, pois, uma vez que se transforma no sujeito, encobre o poder do capital, configurando assim o fetichismo.

Pensemos as relações de poder que envolvem a sociedade, principalmente situando no campo da História Social, é possível cogitar os confrontos entre os grupos sociais a partir dos embates culturais distintos. Nesse sentido considero as inter-relações construídas diante da incorporação da cultura popular, e também destaco a questão do massivo enquanto constituinte deste emaranhado social. Dessa maneira a reflexão de Williams contribui para o diálogo teórico metodológico uma vez que propicia investigar cultura enquanto todo um modo de vida. Para Raymond Williams,

*Na análise histórica autêntica, é necessário, em todos os pontos, reconhecer as inter-relações complexas entre movimentos e tendências, tanto dentro como além de um domínio específico e efetivo. É necessário examinar como estes se relacionam com a totalidade do processo cultural, e não apenas com o sistema dominante selecionado e abstrato. ( WILLIAMS, 1987: 125)*

Trabalhar com as relações entre memória e história, propicia analisar os sentidos históricos que o lembrar a condição de vida e as articulações construídas no processo de “rememorar” carregam intenções, posicionamentos e escolhas políticas dos moradores.

Com objetivo em investigar os confrontos de memórias travados em relação aos usos sociais que a população pobre faz dos meios de comunicação local na cidade - principalmente aqueles que se mostram com uma roupagem popular - comporta problematizar os sentidos que são construídos e disputados sobre a noção de “popular”, ou até mesmo a “cultura popular” enquanto questão para ser problematizada na pesquisa.

Indago como os moradores pobres na cidade se relacionam com estes meios de comunicação uma vez que se percebe a interação entre os moradores e o espaço midiático.

Partindo da premissa do viver a cidade através de relações de poder entre grupos de moradores pobres na cidade penso em como eles criam outros modos de organização social que perpassam por aquelas divulgadas na imprensa, mas que também

estabelecem outras formas para além do tornado publico mediante a propaganda da pobreza nos direciona para a possibilidade de construção de redes de sociabilidades entre os moradores enquanto formas de transformações nos bairros pobres na cidade.

A problemática da pesquisa é constituída na medida em que percebo o confronto através dos meios de comunicação pelo pertencer à cidade, mas acima de tudo quando mediante estes, os moradores se constituem enquanto sujeitos sociais e históricos que são capazes de ordenar suas vidas a partir de outros motes para além daqueles determinados pelas instituições “por excelência” que se colocam enquanto porta-voz destes sujeitos.

Estabelecendo a relação entre o programa de televisão e o jornal, no que diz respeito à diferença entre linguagens podemos dizer que existe um confronto aí no que tange o popular para estes dois formatos. Por quê? Que popular é este tão homogeneizado, porém tão disputado?

Como perceber a cidade através dos meios de comunicação? Existem outros veículos de comunicação destes moradores que dizem outras coisas a respeito do popular? Ou mesmo de suas lutas?

Dáí a investigação histórica permite confrontar como estes moradores organizam outras maneiras de relações na dinâmica da cidade que não se chocam diretamente com aquela instituída a partir de entidades dominantes, mas por outro lado sinaliza para algo mais complexo: suas inter relações, particularidades, semelhanças, continuidades, descontinuidades, confrontos, distanciamentos: todas num emaranhado de possibilidades que envolvem o fazer histórico, na pesquisa no campo da História Social.

Pensar quais são estes sujeitos que disputam a cidade através dos meios de comunicação, possibilita questionar quais as maneiras de organização social que se confrontam no cotidiano.

## **BIBLIOGRAFIA**

BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. Sobre história: imprensa e memória. In ALMEIDA, Paulo Roberto de; MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, p.262-272, 2006.

BARBOSA, M. E. J.; LIMA, J. L. F.. História, imprensa e redes de comunicação. In: *História & Perspectivas*, v. 39, p. 37-57, 2008.

BERGAMO, Alexandre. Imitação da ordem; as pesquisas sobre televisão no Brasil. In: *Tempo Social* (revista de sociologia). São Paulo: USP, v.18, n.1, p.303-328.

BUCCI, E.; KHEL, M. R. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004, p.31. (Estado de sítio)

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*: ed.34: EDUSP, 2000,

CRUZ, H. F; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 35, dez/ 2007

DIRETÓRIO ACADEMICO.A TV e o superpopular; *Gente comum* na programação da TV aberta brasileira. In: *Observatório da Imprensa*. Matéria publicada em: 04/04/2001. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da040420013.htm> Acesso em: set. 2008.

FENELON, Déa Ribeiro [et al.]. *Muitas Memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

FREITAS, Sheille Soares de. *Por falar em culturas... histórias que marcam a cidade:Uberlândia-MG*. Uberlândia-MG, Universidade Federal de Uberlândia, 2009. (Tese de Doutorado).

FUNDAÇÃO PADRE URBANO THIESEN. *Cartografia Audiovisual Brasileira de 2005; um estudo quali-quantitativo de TV e cinema*. Cosette Castro (coordenadora)/ Relatório de Pesquisa CPqD, 2006.

HABERMAS, Jürgen. Sociedade civil e a esfera política pública. In: *Direito e Democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: \_\_\_\_ *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

ALMEIDA, Paulo Roberto de; MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

MARTÍN- BARBERO. J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 5 ed, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. *Rádio e cidade: vínculos sonoros*. São Paulo: Annablume, 2007,

NOGUEIRA, Adriana C. *Violência nos telejornais: a realidade espetacularizada* - Campinas: São Paulo [s.n] 2000. Dissertação Mestrado.( Comunicação Universidade Estadual de Campinas)

- PORTELLI, A. “A Filosofia e os fatos”. In: *Revista Tempo*, n.2. Rio de Janeiro: Ed.UFF, 1996.
- REIS, Maucia Vieira dos. *Entre viver e morar: experiências dos moradores de Conjuntos Habitacionais (Uberlândia –anos 1980-1990)* Dissertação Mestrado, Uberlândia-MG, 2003.
- ROSSINI, Miriam de Souza. “O lugar do audiovisual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico”.In: LOPES, Antonio H. [et al.] (orgs.). *História e Linguagens*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- SARLO, Beatriz. “A Democracia midiática e seus limites”.In: \_\_\_\_\_. *Paisagens imaginárias. Intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Edusp, 2005.
- THOMPSON, E. P. Intervalo: a lógica histórica. In: \_\_\_\_\_. *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1981,
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.p.17.
- \_\_\_\_\_. A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 35, dez/ 2007